

outras, e nunca pareceram alterar-se com isto. Porem creio que o veneno tem effeito em cobras de character menos mortifero, e comquanto tenho visto geralmente escapar a *Bungarus*, comtudo vi occasionalmente a morte d'uma d'estas depois da mordedura por uma *Cobra*, o que, creio, se podia com alguma razão attribuir ao veneno, »

As cobras não venenosas morrem rapidamente: a *Ptyas*, cobra grande, vigorosa e feroz, posto que não venenosa, succumbe dentro d'uma hora, pouco mais ou menos, á dentada d'uma *Cobra*.

« A carne dos animaes mortos pelo veneno da cobra parece não ser affectada; animaes e homens comem-a impunemente. Os serventes e *Dhones* que acompanhavam muitas experiencias, comiam as aves envenenadas.

O sangue d'um animal morto pelo veneno da cobra, é tambem por si venenoso; e se é injectado n'um animal, rapidamente manifesta seus effeitos venenosos.

« Transmitti o veneno, diz Fayrer, n'uma serie de tres animaes com resultado fatal. Tenho tido pouca ou nenhuma opporrtunidade de estudar os effeitos locais do veneno, pois a morte occorria tão rapidamente que não havia tempo para alterações locais ou secundarias. »

Os ophidios são oviparos e viviparos. As *colubrinās* são geralmente oviparas, e as *viperinas* são viviparas.

Nos climas frios e temperados as cobras hibernam ou ficam em estado de lethargo ou de torpor. Diferem muito no modo de vida, de habitação, alimentação, etc.; posto que sejam todas carnivoras, sustentam-se em molluscos, insectos, reptis, passaros, mamíferos, ovos e leite. Tem-se lhes achado materias vegetaes no estomago, mas as cobras são essencialmente carnivoras, e a maior parte d'ellas, senão todas, tomam só o alimento enquanto vivo.

« Independentemente da classificação natural ordinaria, as cobras se subdividem do modo seguinte;

Cobras d'arvores as que vivem pela maior parte em arvores ou moitas, e são caracterizadas pelas côres brilhantes, geralmente verdes, pela forma esbelta, em figura de chicote, e pela grande actividade. As cobras não venenosas, quer *colubrinās*, quer *viperinas*, estão comprehendidas n'esta secção.

Cobras d'agua: são d'agua salgada ou d'agua doce; as primeiras são todas venenosas, e as segundas, todas innocentes. As cobras d'agua salgada tem uma forma particular, adaptada a

seu modo de vida,—cauda achatada, e ventas acima do focinho; são todas venerosās, e muitas, senão todas, viviparas. As cobras d'agua doce tem as ventas como as d'agua salgada. Vivem n'agua doce, posto que possam encontrar-se como as outras n'agua salobra; não tem a cauda achatada, são viviparas, e pertencem todas á sub-ordem das *colubrinās não venenosas*.

Cobras de terra. Tem representantes nas tres sub-ordens. Vivem geralmente na superficie da terra. São mais ou menos cylindricas na forma, e muito flexiveis no corpo. O maior numero das cobras estão n'esta secção.

Cobras de covis ou *subterraneas*: vivem muito abaixo da superficie da terra; tem um corpo cylindrico rigido, cauda curta, boca estreita e dentes pequenos. Nada d'escamas no ventre; são todas innocentes.

(Continúa.)

A. P.

NOTICIARIO

Acção paralyzante do chloral.—Está demonstrado que o chloral empregado durante um certo tempo produz uma hyperemia da pelle e um erythema diffuso da face e do peito, que o Dr. Brown-Sequard attribue a uma paralyzia temporaria dos vasos motores da cabeça e do pescoço.

Em 600 alienados, cuja direcção está confiada ao Dr. Crichton-Browe no asylo West Riding, no Yorkshire, esta hyperemia appareceu em 19 alienados sobre 40 tratados pelo chloral. Se o uso é prolongado, diz o Dr. Crichton, esta acção paralyzante póde estender-se á medulla alongada e espinal, e produzir a paralyzia das extremidades. Eis dois factos que confirmam esta opinião.

A dois monomaniacos, com verdadeiros accessos de excitação e de insomniā, o Dr. Manning prescreveu 25 centigrammas de chloral duas vezes por dia a um, e o dobro ao outro, dando em seguida 150 a 200 centigrammas por noite.

Depois de sete a oito semanas de tratamento os doentes estavam todos deprimidos e fracos, que não podiam andar nem pôr uma perna diante da outra. Uma verdadeira paralyzia se manifestou ao mesmo tempo em ambos. Suspendeu-se o chloral e den-se-lhes

a tintura de strychnina. O desaparecimento rápido dos accidentes referidos provou que erão devidos ao-chloral.

O habito em que se está de administrar o chloral no *delirium tremens* e na excitação maniaca dos alienados torna estas observações interessantes. O uso prolongado do medicamento, determinando esta *chlorolisação* explica a depressão que se segue e a paralytia consecutiva, que não foi ainda notada.

E' notavel todavia que nos casos de morte produzida pelas altas dózes de chloral, não haja symptomas de narcotismo; a morte tem sido subita, com enfraquecimento do pulso e das pancadas cardiacas, e attribuida á sua acção paralytante sobre o grande sympathico.

Os allemães teem notado tambem que o uso prolongado do chloral determina o decubito, e em caso de paralytia progressiva Liebreich observou que os symptomas se agravavam rapidamente, ao passo que os doentes melhoram, renunciando ao uso do chloral.

Suppositorios de gelatina para combater a coprostase.—O Dr. Mazel diz ter achado um meio de tratamento muito facil e simples para combater este accidente. Consiste no emprego de suppositorios de gelatina nos casos em que as materias feccas endurecidas estão alojadas no recto ou no S iliaco, a que dá o nome de *coprostase*.

Os suppositorios são feitos com gelatina escura; deixam-se dentro de agua por doze horas; e quando estão amollecidos e augmentados de volume introduzem-se no recto.

Submettendo os doentes a um regimen conveniente, obtem-se uma evacuação de materias pultaceas no decurso de vinte e quatro horas. O auctor attribue o modo de acção da gelatina a' propriedades hygrometricas.

Acção physiologica da cravagem de centeio.— Nas autopses feitas em individuos, tendo succumbido ao ergotismo, acha-se habitualmente assignalada uma repleção consideravel da bexiga, que tem sido considerada como um facto de retenção, determinada pela acção do veneno sobre o sphincter

vesical. D'aqui veiu o emprego therapeutico da cravagem de centeio nas incontinencias de urina, devidas a uma paralytia do sphincter.

Sobre animaes envenenados com a cravagem, observou o dr. Wernich que a bexiga se distende mui rapidamente, depois de um catheterismo prévio. A accumulção da urina não é pois devida á retenção d'este liquido, mas á exaggeração da secreção urinaria propriamente, sem duvida resultante do augmento de pressão sanguinea, determinada pela ergotina.

O auctor refere muitos casos de distocia, ou antes de demora na expulsão do feto, resultando de uma distensão enorme e rapida da bexiga, consecutiva á administração da cravagem; o catheterismo praticado horas antes indicando a vacuidade da bexiga. Será pois conveniente recorrer a esta operação, quando, tendo-se dado ao doente a ergotina, se reconhecer o augmento de volume da bexiga, devida á maior secreção do liquido urinario.

Do suor morbido dos pés, e da opportundade do seu tratamento.— O Dr. Debrousse Latour escreveu uma these inaugural, em que alem dos seus, expoz os trabalhos de Ollier.

As fórmas do suor local que offerecem mais interesse são, como diz Hebra, aquellas que affectam as axillas, os órgãos genitales, as palmas das mãos e a planta dos pés. As causas d'esta transpiração morbida são pouco conhecidas. Nem é attributo de lymphatismo, nem falta de asseio ou limpeza. Não é contagiosa, nem parece ser hereditaria. Conhecem-se os seus symptomas, bem como os inconvenientes e accidentes a que dá lugar. Será prudente ceder ao desejo dos doentes que pedem remedio para este mal?

Tal é a questão que propõe o Dr. Debrousse Latour. Segundo a opinião de quasi todos os medicos francezes é perigoso supprimir a transpiração habitual dos pés. O Dr. Debrousse, desviando-se um pouco deste modo de pensar, faz notar que seria necessario estabelecer uma distincção entre os individuos de boa constituição e os individuos predispostos á tísica pulmonar ou ás phlegmasias do apparelho respiratorio.

Oxydo mercurico por precipitação (Oxydo amarello de mercurio)—

Desde pouco tempo, que este composto de mercurio está sendo introduzido no tratamento das doenças dos olhos, e alguns médicos occulistas lhe dão assignalada preferencia ao oxydo vermelho, que se tem empregado em identicos casos desde data quasi immemorial. Sem duvida, o grau de divisão, em que se obtém, como acontece com todos os corpos preparados por precipitação, deve influir seguramenté nos seus effeitos, os quaes por uma parte hão de ser mais energicos, e por outra mais susceptiveis de ser graduados, visto que estando no maior grau de divisão, se interpõe mais uniformemente no excipiente gordo, que se emprega para obter as pomadas, que com elle se preparam. Geralmente admite-se que este oxydo não é mais do que um estado isomérico do vermelho, e do qual, por tanto, sómente differe em suas propriedades physicas: porem trabalhos concluidos recentemente por habéis chimicos, tem comprovado nelle propriedades chimicas diferentes das do precipitado vermelho, o que lhes faz suspeitar que sejam compostos diferentes.

Sua preparação é das mais facéis, e se reduz a tratar um sal de mercurio, o nitrato, ou chloreto, por um excesso de potassa caustica, em cujo caso se precipita debaixo da fórma de um pó amarello, que se lava com agua, e secca. Assim obtido, e apesar do que acontece com outros oxydos, para cuja preparação se segue identico processo, é anhydro, como o seu isomérico o oxydo vermelho.

Em apoio dos que julgam que estas duas modificações do oxydo mercurio não devem suas propriedades exteriores a uma simples differença do seu estado de aggregação, se cita o que acontece quando se tratam pelo acido oxalico, pois em oxalato branco, o vermelho resiste a esta reacção ainda mesmo á temperatura da ebullição.

Tratados por um saluto alcoolico de chloreto mercurico, o primeiro dá immediatamente oxy-chloreto negro, senão por uma ebullição prolongada; tanto Milbon, como Boncher encontram este meio o melhor para distinguir um do outro.

O chloreto ataca com mais energia o amarello, e aquecido a 200° ou 400°, do que o vermelho, formando-se acido hypochlo-

Tratamento da ozena.—O Dr. Rauge, cirurgião do hospital de Lausanna acaba de pôr em pratica uma operação engenhosa e facil, como meio curativo da ozena. O processo é o seguinte: o doente estando deitado e chloroformisado, com a cabeça inclinada para a direita, levanta-se o labio superior para cima e incisa-se a mucosa pelo rego gengivo-labial a partir do primeiro molar direito ou esquerdo; cortados todos os tecidos chega-se á espinha nasal anterior, e então o septo é separado da sua base; d'este modo pôde introduzir-se o dedo no nariz a explorar as fossas nasaes; sendo necessario pôde abrir-se um caminho mais largo cortando as cartilagens das azas do nariz até á inserção maxillar.

Em nove casos operados por este processo, tem-se conseguido tirar sequestros, ruginar ossos, cauterisar fungosidades, curando-se os doentes, excepto um em que a doença tinha mais de vinte annos, e que sendo operado pela segunda vez succumbiu a uma phlebite purulenta da veia ophthalmica.

Geralmente as hemorragias passam sem ligadura e sem hemostaticos. O Dr. Rauge foi levado a esta tentativa por discordar da opinião geralmente admittida que estabelece uma ozena idiopathica essencial e rebelde aos tratamentos medicos. Bem pelo contrario julga o illustre cirurgião que não há ozena sem lesão do esqueleto das cavidades nasaes. Acha-se por isso que a indicação é abrir largamente as fossas nasaes, a fim de se poder tomar conhecimento da séde e extensão da lesão, tendo todo o cuidado de evitar a deformação da face, e não substituir uma deformidade por uma mutilação.

FORMULARIO

Papel chimico (Sobeiran.)—Prepara-se com papel joseph, que se dera com oleo siccativo, e se deixa seccar: depois cobre-se cada folha por uma das suas faces, com uma camada mui fina de emplastro de minio.

O oleo siccativo obtém-se aquecendo a calor brando o oleo de linhaça com uma boneca cheia de lythargio, e com cebolla ou alho.